

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

BERNADETE DE LOURDES RODRIGUES DE MENEZES

**MOBILIZAÇÕES DE JUNHO E JULHO DE 2013 EM PORTO ALEGRE – O
POVO ACORDOU À ESQUERDA OU MAIS CONSERVADOR?**

Porto Alegre

2017

BERNADETE DE LOURDES RODRIGUES DE MENEZES

**MOBILIZAÇÕES DE JUNHO E JULHO DE 2013 EM PORTO ALEGRE – O
POVO ACORDOU À ESQUERDA OU MAIS CONSERVADOR?**

Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do diploma de Licenciatura em História.
Orientador: Enrique Padrós

Porto Alegre 2017

BERNADETE DE LOURDES RODRIGUES DE MENEZES

**MOBILIZAÇÕES DE JUNHO E JULHO DE 2013 EM PORTO ALEGRE – O
POVO ACORDOU À ESQUERDA OU MAIS CONSERVADOR?**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para obtenção do diploma de Licenciatura em História.

Orientador: Enrique Padrós

Conceito Final:

Aprovado em: de agosto de 2017

BANCA EXAMINADORA:

Prof.Dr. Mathias Luce

Dr. Frederico Bartz

Orientador - Prof. Dr. Enrique Padrós

*"[...] porque en realidad, **nuestro norte es el Sur**. No debe haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte."*

Joaquín Torres García

AGRADECIMENTOS

Iniciei este curso em 1980 em Belém do Pará, na UFPA. Fui uma das primeiras colocadas no vestibular. Dois anos depois fui enquadrada na Lei de Segurança Nacional e julgada um ano depois. Meu curso de História foi para o espaço, mas segui fazendo história. Chegar a esta etapa final do curso de História foi obra de várias mãos. De minha filha que me ensina muita coisa, entre elas não desistir nunca. Ao meu marido, que em sua paciência infinita aguentou minha vida louca todos estes anos. Ao verdadeiro mutirão de meus colegas técnicos para que eu concluísse o curso, ajudando nas matrículas, recursos, orientações. Valeu Paulo Terra, Gabriel Focking, Anibal Alvarez, Fabiano Rosa, Cleber Petró, Michele Raup. Aos professores que de forma solidária ampliaram prazos de trabalhos e provas, durante as greves, ocupações e viagens. Ao Prof. Mathias Luce que aceitou ser membro da banca deste TCC e que é um lutador para que Marx não seja excluído da Universidade. Ao meu colega de trabalho e de paixão pela história dos trabalhadores e de nosso povo, e que também aceitou ser membro da banca, Frederico Bartz, um exemplo de superação de limites. Aos meus companheiros da Assufrgs e minha categoria que tanto me ensinaram em todas nossas lutas. Por último, um agradecimento especial ao meu orientador, Enrique Padrós, que através de suas aulas sobre as ditaduras militares em nosso continente me fez enfrentar traumas de um período duro de minha vida.

SUMÁRIO

1. Introdução	7
2. As Jornadas de Junho: conjuntura internacional e perspectiva teórica.....	12
2.1 As Jornadas de Junho a partir de uma conjuntura internacional de crise do capitalismo e mobilização social	13
2.2 As Jornadas de Junho sob uma perspectiva teórica crítica	19
3. As jornadas de junho em Porto Alegre	24
3.1 O contexto social e político que levou às Jornadas de Junho	25
3.2 A Mobilização em Porto Alegre	27
3.3 Brasil: Acabou o amor, isso aqui vai virar Palmares	31
4. Desdobramentos e definições sobre as Jornadas de Junho em Porto Alegre.....	34
4.1 Um processo progressivo interrompido	34
4.2 Mobilização do dia 17 de junho: as elites entram em campo	38
4.3. As Jornadas de Junho e seus desdobramentos.....	40
5. CONCLUSÃO: Afinal o povo acordou à esquerda ou mais conservador?.....	43
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2013 foi marcado por mobilizações massivas, no evento que ficou conhecido como Jornadas de Junho. As manifestações tiveram início devido à luta contra o aumento de passagens e se tornaram cada vez maiores por conta da repressão policial. Em poucos dias, mobilizações similares se espalhavam por todo o Brasil, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Manaus, Salvador, Brasília e Porto Alegre. A pauta, centrada inicialmente no transporte público, foi se ampliando cada vez mais até englobar a crítica aos recursos destinados à Copa do Mundo de 2014, pedidos de mais verbas para a saúde e a educação, e, ainda que em menor medida, surgiram críticas contra a corrupção e o sistema político como um todo. A dificuldade em enquadrar o movimento sob parâmetros de análise tradicional foi bem definido pelo historiador Lincoln Secco, naquele momento mesmo das manifestações:

Confusos, finalmente os “críticos” dizem que se trata de um movimento comunista, anarquista, trotskista, punk, sindical, baderneiro... Mas sabemos que a finalidade do MPL não se define previamente. Apesar da evidência do motivo imediato (a livre locomoção urbana de todas as pessoas) e de ideais necessariamente vagos sobre outra sociedade, ele se define apenas como um grupo que luta. Luta por nós¹.

Em Porto Alegre, as mobilizações foram convocadas pelo Bloco de Lutas Pelo Transporte Público, agrupamento composto por organizações de movimentos populares e juvenis, entidades estudantis, alguns sindicatos, anarquistas e partidos políticos de esquerda. Um fato que torna Porto Alegre singular é que as manifestações massivas ocorreram primeiramente na capital gaúcha. O Bloco de Lutas convocou manifestações a partir de janeiro, contudo, foi em abril, com o aumento das passagens, que as manifestações explodiram em marchas de milhares de pessoas. A revogação do aumento foi o atestado de sucesso daquela forma de protesto e acabou dando força para que as mobilizações se replicassem mais tarde por todo o Brasil. Apesar da enorme repercussão

1

SECCO, Lincoln. Anatomia do Movimento passe Livre. Blog da Boitempo. 12 de junho de 2013. <https://blogdaboitempo.com.br/2013/06/12/anatomia-do-movimento-passe-livre/>

e de várias coletâneas lançadas naquele momento, não existe nenhum estudo aprofundado sobre o caso de Porto Alegre, o que é estranho devido ao pioneirismo do processo.

Ainda que a proximidade com o tema nos abra inúmeras lacunas e perguntas que suscitem estudos, o objeto deste trabalho está focado em analisar o conteúdo político das mobilizações de junho 2013 na cidade de Porto Alegre. Neste caso, a análise vai ter seu foco na seguinte questão: as Jornadas de Junho foram de esquerda ou de direita? Mesmo me detendo de forma principal na cobertura jornalística e nas análises bibliográficas, acredito que este estudo pode ajudar a entender a conjuntura aberta por estes acontecimentos, bem como a precisar: tratou-se de um processo progressista, contribuindo para um avanço civilizatório, ou ao contrário, fortalecem o campo conservador?

Para efeito deste trabalho, nos interessa analisar as Jornadas de Junho de 2013, em Porto Alegre, a partir da perspectiva levantada por Immanuel Wallerstein (movimento anticapitalista), ou seja, de seu conteúdo político e das questões levantadas pelas manifestações. Interessa-nos, acima de tudo, caracterizar estas mobilizações a partir de uma localização no espectro político, respondendo se este movimento foi uma expressão da esquerda ou da direita política. Para responder a esta questão, partimos dos conceitos clássicos de Norberto Bobbio, em seu livro *“Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política”*.

Para Bobbio, as características que marcariam a esquerda seriam a luta por um maior igualitarismo nas relações sociais, defendendo que medidas sejam tomadas para defender os mais frágeis ou as camadas mais pobres da sociedade. A direita, por sua vez, teria a tradição de acentuar o mérito, a partir da lógica do indivíduo e da competição social. Neste caso, os direitistas teriam propensão a ver na liberdade de mercado os mecanismos de desenvolvimento social, enquanto os esquerdistas desejam que o poder do Estado seja um elemento para proporcionar melhores condições de vida para a maioria da população².

2

BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo: UNESP, 2001.

Ainda que se trate de um trabalho modesto, temos a ousadia de analisar a hipótese de que o resultado das mobilizações de 2013, mais que a vitória ou fortalecimento de uma tendência de forma definitiva, foi um processo que ainda não se fechou. Ao contrário, a cada novo fato na conjuntura – Copa do Mundo, eleições, segundo turno, política de ajuste, impeachment, governo Temer, Greve Geral – o fantasma de 2013 retorna. O objetivo desta pesquisa será também o de averiguar a premissa de que 2013 foi um processo progressivo e que o resultado foi de maior polarização entre os dois campos, oferecendo pouco espaço para uma política de centro ou conciliatória em termos ideológicos.

Desta forma, o principal objetivo deste estudo é analisar se as Jornadas de Junho de 2013, em Porto Alegre, foram um movimento que pode ser localizado à direita ou à esquerda do espectro político. Além disto, também pretendo analisar o discurso jornalístico e a construção de uma narrativa sobre os fatos de junho, de parte dos veículos de imprensa; analisar as mobilizações no Brasil como parte do fenômeno mundial das “Primaveras” e dos “indignados”; e, entender como atuaram os distintos setores da sociedade diante destas mobilizações no Brasil e quais proposições e projetos se apresentaram.

Esta pesquisa se justifica pelo enfoque em um processo muito amplo, de grande impacto político e social, mas que ainda está aberto a diferentes interpretações. Analisando os desdobramentos do processo, percebemos que seu sentido ainda está longe de ser totalmente fechado. Alguns analistas ligam as Jornadas de Junho à ascensão conservadora, outros ligam o processo ao nascimento de pautas autonomistas e para a entrada de uma militância jovem na política nacional. Mas não existe um consenso sobre o sentido mais global daquele processo. Também não existem estudos mais sistemáticos sobre a Jornadas de Junho em Porto Alegre. Existiu, e continuam sendo feitos, uma série de artigos de opinião sobre o tema, mas uma análise mais detida e de fôlego ainda não foi elaborada.

As dificuldades inerentes ao estudo da História do Presente ou História Imediata, devido dentre outros obstáculos, à pequena produção bibliográfica, não acontece no caso do estudo em questão. Nos últimos anos, foram publicadas importantes contribuições sobre o tema. Com participação de diversos atores, da academia, passando pelos próprios

protagonistas destes eventos a intelectuais de diversas áreas; enfim, as Jornadas de Junho provocaram o surgimento de uma grande bibliografia que tem como objeto, além daquele evento, a compreensão da crise política e econômica pela qual passa o Brasil.

Contudo, a gama de preocupações desta produção está pulverizada em uma enorme quantidade de temas decorrentes das manifestações e suas inúmeras reivindicações e inquietações. Raquel Rolnik, Ermínia Maricato e Mike Davis estão preocupados com a questão urbana e o direito à cidade. Felipe Brito, Pedro Rocha de Oliveira e o jurista Souto Maior centram no enfoque da violência policial e a criminalização dos movimentos sociais. Leonardo Sakamoto, Venício A. de Lima e, particularmente, Manuel Castells, que dedicou uma obra à questão da Internet e os movimentos sociais, estão preocupados com esta nova forma de comunicação e organização.

Em geral, todos partem da premissa de que estas mobilizações foram positivas. As palavras de Raquel Rolnik são um exemplo do otimismo destes setores:

Podemos pensar essas manifestações como um terremoto ... que perturbou a ordem de um país que parecia viver uma espécie de vertigem bem fazeja de prosperidade e paz, e fez emergir não uma, mas uma infinidade de agendas mal resolvidas, contradições e paradoxos. Mas, sobretudo – e isso é mais importante –, fez renascer entre nós a utopia.³

Contudo, mesmos os autores que trabalham os temas como economia e política, como David Harvey, Immanuel Wallerstein e Slavoj Žižek, não têm como foco a dinâmica deste processo. Portanto, a originalidade deste trabalho e seu ineditismo, que consiste em buscar responder contradições em nível também local, são favorecidos pela grande quantidade de notícias dos veículos locais, mas dificultados pela falta de uma bibliografia específica.

Em termos metodológicos, as fontes de análise vão ser, especialmente, a imprensa e a bibliografia sobre o movimento. No caso da imprensa, serão pesquisados os veículos da imprensa alternativa, especialmente, blogs e veículos de esquerda que deram maior

3

ROLNIK, Raquel. As vozes das ruas: as revoltas das ruas e suas interpretações. Cidades Rebeldes. Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013. p.82.

destaque aos fatos daquele momento. Entre estes veículos, podem ser citados alguns canais de comunicação importantes como o site Sul21, o blog Passapalavra, o Correio da Cidadania e o Teoria e Debate. Também utilizamos como uma importante fonte de informação um manifesto do próprio Bloco de Lutas, que foi replicado por um destes veículos de imprensa. Estamos cientes das dificuldades relacionadas à pesquisa nos veículos de imprensa, mas o posicionamento político e as disputas em torno do sentido dos eventos, também são partes importantes da análise sobre aquele período⁴.

Para a execução deste estudo, o presente trabalho de conclusão de curso vai ser dividido em três capítulos. No primeiro, será analisada a conjuntura internacional de crise do capitalismo e revoltas generalizadas que influenciaram de maneira decisiva as Jornadas de Junho, além de ser abordado um debate sobre o marco teórico para tratar este tema. Em um segundo momento, vamos analisar os fatores que geraram o descontentamento que explodiu em junho de 2013, o desenvolvimento dos fatos na cidade de Porto Alegre e seus reflexos no restante do Brasil. Na última parte, serão abordados os efeitos imediatos das Jornadas de Junho na capital gaúcha, especialmente o debate sobre transporte público, os desdobramentos de médio prazo na conjuntura da crise brasileira e, por fim, abordaremos a definição política daquele acontecimento, levando em conta os fatores geradores, seu desenvolvimento e seus desdobramentos posteriores.

4

Sobre a imprensa do Rio Grande do Sul, sua história e tendências, além do debate sobre a fonte jornalística, ver RUDIGER, Francisco. Tendências do jornalismo gaúcho. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.

2 AS JORNADAS DE JUNHO: CONJUNTURA INTERNACIONAL E PERSPECTIVA TEÓRICA

Neste capítulo, vamos apresentar o processo histórico conhecido como Jornadas de Junho a partir de uma conjuntura internacional específica e também de uma perspectiva teórica específica. No caso da conjuntura internacional, as Jornadas de Junho se inserem em uma lógica mais ampla de movimentos revolucionários e mobilizações de protesto que se iniciaram no final do ano de 2010, em Sidi Bouzid, na região central da Tunísia, ganhando proporções transcontinentais. Nesta conjuntura, estão inseridos, por exemplo, os movimentos da chamada Primavera Árabe, o movimento dos Indignados que envolveu diversos países da Europa, além dos Occupy, que tiveram sua principal expressão em Nova Iorque, mas que também se manifestaram na Turquia ou na Espanha. Se alastrando também para lugares da América Latina, como o México.

Para além deste processo de revolta, do qual participaram especialmente jovens e trabalhadores precarizados, toda esta conjuntura se insere em um panorama mais amplo de crise do capitalismo neoliberal. A grande recessão que se iniciou em 2008, com a crise do subprime nos Estados Unidos, se espalhou rapidamente. Os países da Europa Mediterrânea, assim como os do Oriente Médio, que haviam passado por duros processos de ajuste econômico, foram atingidos quase que imediatamente, o que serviu de incentivo para que muitas pessoas tomassem as ruas. Em países como o Egito e a Tunísia, também havia a persistência de regimes autocráticos, alinhados política e militarmente com os Estados Unidos, o que potencializou o alcance destes movimentos de revolta.

Para além da inserção das Jornadas de Junho em um contexto mais amplo de crise do capitalismo, também é necessário discutir as perspectivas teóricas a partir das quais vão ser analisados estes processos. Neste caso, é necessário expor aqui as recentes análises sobre os novos movimentos sociais, que ressaltam as especificidades de uma mobilização estabelecida com forte presença das redes sociais e com novas formas de organização política. Além disso, a abordagem de uma lógica histórica marcada pelo desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo, com seus diferentes tempos e processos, que se aceleram em momentos de crise, como foi o que deu origem às Jornadas de Junho. Por fim, também é necessário abordar o debate sobre os campos

políticos da esquerda e da direita, quais suas características, o que os distinguem mutuamente, definição esta que será fundamental para a resposta da pergunta a que se propõe esta pesquisa.

2.1 As Jornadas de Junho a partir de uma conjuntura internacional de crise do capitalismo e mobilização social

Em junho de 2013 o Brasil foi pego de surpresa. Suas ruas, avenidas e praças, de um momento para outro, foram ocupadas por gigantescas mobilizações. A reivindicação inicial foi a reversão do reajuste das passagens dos transportes públicos, mas, no decorrer do movimento, como seus próprios cartazes declaravam, ficou evidenciado que as mobilizações não eram “só por R\$0,20 centavos”.

As composições das marchas, assim como seus objetivos, provocaram longos debates. Alguns caracterizam como jovens de classe média, outros viram naqueles manifestantes grupos universitários e outros, como Ruy Braga, caracterizaram aquela grande manifestação como impulsionada pelo “precariado”:

Massa formada por trabalhadores desqualificados e semiquilificados que entram e saem rapidamente do mercado de trabalho, por jovens à procura de primeiro emprego, por trabalhadores recém-saídos da informalidade e por trabalhadores sub-remunerados.⁵

Uma pesquisa realizada pelo jornal Folha de São Paulo, com os participantes dos protestos na capital paulista, apontou que, em sua grande maioria, os protagonistas dos protestos eram jovens entre 26 e 35 anos, contrários a participação de partidos nas mobilizações e se organizavam via rede sociais⁶. Desta forma, pode-se dizer que este era

5

BRAGA, Ruy. Sob a Sombra do Precariado. MARICATO, Ermínia et alii. Cidades Rebeldes. Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013. p.82.

6

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296886-em-protesto-de-sp-maioria-nao-tem-partido-diz-datafolha.shtml>

um impulso novo na vida política brasileira, mas também tinha traços de um acúmulo anterior.

Antes das grandes manifestações de junho, na cidade de Porto Alegre, havia se iniciado um ciclo de protestos que derrubou os preços das passagens de ônibus. Estes protestos tiveram seu auge em abril de 2013, mas pode-se se dizer que as Jornadas de Junho de 2013 estão diretamente ligadas a eles. Desta forma, pode-se se dizer que o movimento surge em Porto Alegre, se espalhando por todo o território nacional, chegando a mobilizar mais de um milhão de pessoas em todas as cidades brasileiras.

Essas mobilizações marcam a entrada de nosso país na rota do fenômeno que ficou conhecido internacionalmente como as “Primaveras”. Esse fenômeno ocorreu em vários países com características semelhantes, ainda que com pautas específicas de região para região, como definiu Henrique Carneiro:

No ano de 2013 ocorreu um fenômeno que há muito não se via: uma eclosão simultânea e contagiosa de movimentos sociais de protesto com reivindicações peculiares em cada região, mas com formas de lutas muito assemelhadas e consciência de solidariedade mútua. Uma onda de mobilizações e protestos sociais tomou a dimensão de um movimento global. Começou no norte da África, derrubando ditaduras na Tunísia, no Egito, na Líbia e no Iêmen; estendeu-se à Europa, com ocupações e greves na Espanha e Grécia e revolta nos subúrbios de Londres; eclodiu no Chile e ocupou Wall Street, nos EUA, alcançando no final do ano até mesmo a Rússia. (CARNEIRO, ANO, p.7)⁷

Os protestos e revoltas iniciaram no dia 17 de dezembro de 2010, quando o jovem vendedor Mohamed Bouazizi, queimou-se vivo para protestar contra a violência da polícia que havia tomado seu carro de frutas, na cidade de Sidi Bouzid, no centro do país. Este ato desesperado acabou catalisando a raiva e o desespero de uma população que convivia com o autoritarismo do Presidente Zine El Abidine Ben Ali, que governava o país desde o ano de 1987. O longo período de autoritarismo se somava ao impacto da Crise de 2008, o que alimentava os protestos com desejos de melhores condições de vida. A repressão governamental fez com que a revolta se tornasse ainda mais efetiva, envolvendo jovens, estudantes, trabalhadores, mulheres e imigrantes. O movimento

7

CARNEIRO, Henrique Soares. *Rebeliões e ocupações de 2011*. HARVEY, David. Et alii. *Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2011. p.7.

tornou-se muito extenso, tomando toda a República Tunisiana, em uma conjuntura que fez com que Ben Ali tivesse de renunciar no dia 14 de janeiro de 2011. Na Tunísia, um Governo Provisório tomou o poder, mas os protestos continuaram até que uma Assembleia Constituinte fosse eleita no final daquele ano⁸.

A Revolução Tunisiana foi apenas o primeiro passo de um movimento que se tornaria avassalador em poucos meses. Logo após este levantamento inicial, ocorreram protestos similares na Argélia, no final do mês de dezembro, na Jordânia, em Omã, no Egito, no Iêmen, no Sudão em janeiro de 2011, espalhando-se para o Iraque, o Bahrain, a Líbia, o Kuwait, o Marrocos, o Líbano, a Arábia Saudita, a Síria e a Palestina no mês de fevereiro. De todas estas revoltas, talvez a com maior impacto tenha sido a Rebelião Egípcia, por sua extensão e pela posição que o país ocupa no mundo árabe.

Assim como no caso da Tunísia, o Egito vivia sob um longo governo autoritário de Hosni Mubarak, que havia se iniciado em 1981. Também, como no caso tunisiano, os egípcios haviam sido duramente atingidos pela crise econômica, tendo uma grande quantidade de jovens trabalhadores e estudantes vivendo as consequências do alto desemprego, inflação e incerteza em relação ao futuro. Do dia 25 de janeiro, quando começaram os protestos, até o dia 11 de fevereiro, quando Hosni Mubarak foi derrubado, o movimento se tornou massivo. No auge da mobilização, 2 milhões de pessoas se reuniram na Praça Tahir, no centro do Cairo, para protestar contra o governo. As forças que convocaram os protestos do dia 25, pelas redes sociais, eram o Kefaya e o Movimento 6 de Abril, formado por jovens ativistas opositores do governo, mas, ao longo dos dias, foram se somando grupos tão heterogêneos quanto a Irmandade Muçulmana, o Partido Liberal Wafd e largas faixas do movimento operário daquele país.

Desta forma, durante as manifestações no Egito, se evidenciou um conjunto de características destes protestos como a ocupação das ruas, a grande participação de jovens e a heterogeneidade de grupos e pautas levantadas. No caso egípcio, a saída de Mubarak não encerrou a crise social e política, que teve novos episódios até que um Golpe de Estado, seguido de intensa repressão, levou ao poder o General Al Sissi, no ano

8

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p.19-37.

de 2014. Esta faísca de revolta, no entanto, atingiu os países europeus, principalmente aqueles em que a economia estava mais fragilizada⁹.

No mês de março de 2011, em Portugal começaram os movimentos de protesto naquilo que ficou conhecido como “Geração à rasca”, com uma convocação pelas redes sociais que chamavam os "desempregados, quinhentoseuristas (trabalhadores que recebem o salário mínimo) e outros mal remunerados, escravos disfarçados, subcontratados, contratados a prazo, falsos trabalhadores independentes, trabalhadores intermitentes, estagiários, bolseiros, trabalhadores-estudantes, mães, pais e filhos de Portugal". Influenciados pelos portugueses, os protestos chegaram até a Espanha, onde se constituiu o movimento dos “Indignados”, que foi, em algumas ocasiões, chamada de Rebelião da Praça do Sol.

Já os Indignados tomaram seu nome de um texto do veterano da Resistência Francesa Stephane Hesserl, que defendia que as gerações mais jovens deveriam se levantar contra o conformismo capitalista. O movimento espanhol se iniciou com o 15M, protesto chamado para o dia 15 de maio de 2011, em que se reuniram milhares de pessoas na Plaza Puerta del Sol tendo como mote “Democracia Real Ya!”. Também na Grécia, que vinha tendo protestos, principalmente contra a crise da dívida, desde o ano de 2008, foram retomadas as grandes manifestações populares, com a ocupação da Praça Syntagma, em frente ao Parlamento Grego, onde se verificaram violentos choques contra as forças de repressão¹⁰.

Diferente do que ocorreu no Oriente Médio, os protestos na Europa não redundaram em mudanças políticas imediatas, embora possamos apontar o surgimento de novos movimentos políticos como o Podemos na Espanha e o Syriza na Grécia como efeitos mais imediatos destas mobilizações. Outro efeito foi a difusão desta nova forma de protesto, caracterizada por manifestações massivas de ruas, com um público bastante heterogêneo, no qual se via, principalmente, a indignação pelos efeitos da crise

9

Para uma perspectiva mais crítica dos efeitos da Primavera Árabe, ver VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A Primavera Árabe: entre a nova democracia e a velha geopolítica*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.

10

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p.38-58.

provocada pelo capitalismo neoliberal. Pode-se dizer que os protestos da Europa potencializaram um efeito que a Primavera Árabe já havia iniciado, de fazer com que as manifestações massivas contra o governo ou o sistema capitalista voltassem à agenda dos grupos políticos.

No outro lado do Atlântico, no centro do sistema financeiro mundial, a cidade de Nova Iorque foi também palco de um movimento que devia sua forma e seu conteúdo aos protestos dos Indignados. Em 17 de setembro de 2011, iniciou-se o movimento do Occupy Wall Street, que tomou o Zuccoti Park, no Distrito Financeiro de Manhattan. A escolha do lugar não foi ingênua, já que o movimento se colocava como representante da maioria da população contra a elite que controlava o mercado financeiro nos EUA. O slogan dos ocupantes era *We are the 99%* ("Nós somos os 99%"), voltados contra o 1% da elite americana que controla a economia do país. Da mesma forma que nos exemplos anteriores, o movimento foi caracterizado por medidas de ação direta, com acampamento no local, aulas públicas, distribuição de cartazes, difusão de textos e vídeos através da Internet. Outra característica foi ter sido um movimento muito heterogêneo e horizontalizado, buscando inspiração mesmo nos movimentos hippies e na luta pacifista dos anos 1960, com uma dura crítica da democracia representativa¹¹.

Apesar do ápice das mobilizações terem ocorrido em 2011, o ciclo de protestos iniciado naquele ano continuou nos seguintes. A Primavera Árabe continuou em vários países, em alguns deles, como na Síria e na Líbia, se aprofundaram conflitos que dariam origem a longas guerras civis. Na Europa, um evento marcante foi a Greve Geral Europeia, chamada para o dia 14 de novembro, que atingiu principalmente os países do continente onde a crise foi mais sentida como Grécia, Chipre, Malta, Portugal, Itália, Irlanda e Espanha. Além disso, também ocorreram grandes manifestações estudantis, no Chile, dando continuidade a uma organização que historicamente já tinha bastante penetração social e no México, onde o movimento "YoSoy132", nascido da oposição às políticas do candidato à presidência, Enrique Peña Nieto, e pela democratização dos meios de comunicação.

11

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p.70-127.

Toda esta conjuntura não pode ser dissociada da crise mais geral e com a queda do nível de vida da população em diversos países do mundo, processo que se desencadeou no ano de 2008, com a crise dos subprime, a partir de hipotecas de alto risco, que tinha na lógica da especulação financeira sua principal alavanca. Quando o pagamento destas hipotecas se tornou inviável, boa parte do sistema financeiro caminhou para a crise.

A quebra do banco Lehman Brothers, em 15 de setembro de 2008, marca o início de um processo mais amplo, que tomou contornos mundiais. A crise, desta forma, é o principal impulso para a onda de protestos mundiais, porém, mais do que isso, também devem ser apontadas as atitudes dos diversos governos nacionais que responderam a esta quebra com ajuda econômica às grandes empresas, mas, por outro lado, aprofundaram o receituário neoliberal para responder aos problemas. Ou seja, para salvar as instituições financeiras, apertou-se cada vez mais o garrote sobre a população de países (como Grécia e Egito) que já viviam em grandes dificuldades. Como aponta corretamente Tariq Ali:

Se questões cruciais como a alocação de recursos, as provisões de bem-estar social e a distribuição da riqueza já não são mais temas de debates reais nas Assembleias representativas, porque a surpresa ante a alienação dos jovens em relação à política dominante ou a imensa decepção com Obama e seus clones globais? É isso que tem obrigado as pessoas a saírem às ruas em mais de noventa cidades. Os políticos se negaram a aceitar que a crise de 2008 tinha a ver com as políticas neoliberais que vinham perseguindo desde a década de 1980. Presumiram que poderiam seguir como se nada tivesse acontecido, mas os movimentos de baixo desafiaram tal suposição.¹²

Esta foi a conjuntura deste movimento mundial de mobilizações. Em 2013, tal movimento atingiu países que pareciam imunes a grandes mobilizações, como a Suécia, a Turquia e o Brasil. Na Turquia, os manifestantes se reuniram na Praça Taksin, contra a proposta de construir naquele local um centro comercial, mas os protestos logo se voltaram contra o Governo de Erdogan. Na Suécia, os protestos que explodiram nos subúrbios de Estocolmo, tinham como objeto a crescente desigualdade econômica e o preconceito contra os imigrantes estrangeiros, principalmente de fora da Europa. No

12

ALI, Tarik. O espírito da época. HARVEY, David et alii. *Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2011. p.69.

Brasil, as Jornadas de Junho tinham como principal objetivo a crítica contra o péssimo transporte público, mas as manifestações acabaram incluindo bandeiras contra a falta de recursos para saúde e educação, e principalmente contra os investimentos para viabilizar a Copa do Mundo de 2014. Slavoz Zizek chamou esta onda de protestos, com certa ironia, de problemas no paraíso.

Problemas no Inferno parecem compreensíveis – sabemos por que as pessoas estão protestando na Grécia ou na Espanha, mas por que é que há problemas no Paraíso, em países prósperos ou que, ao menos, passam por um período de rápido desenvolvimento, como a Turquia, a Suécia e o Brasil? Com uma retrospectiva, podemos agora ver que o “problema no Paraíso” original foi a revolução de Khomeini, no Irã, um país considerado oficialmente próspero, na via rápida da modernização pró-ocidental, e principal aliado do Ocidente na região. Talvez exista algo de errado com a nossa percepção de Paraíso.¹³

A análise mais detalhada sobre a situação do Brasil e da descrição dos fatos relacionados às Jornadas de Junho em si serão tratadas no próximo capítulo, mas é importante ressaltar que a noção do Brasil como um paraíso parte de uma análise muito superficial, os efeitos da crise estavam se acumulando com rapidez. Além de ser falsa a ideia que o nosso país esteve imune à crise, também não é verdade que não existiam problemas sociais e movimentos reivindicativos, já que existia uma conjuntura de aumento do número de greves(2050 greves), luta pela moradia e também um debate crescente sobre o direito à cidade, incentivado, em grande parte, pelos recursos e pelas intervenções urbanas efetivadas nas grandes cidades brasileiras que buscavam adequá-las à Copa do Mundo do ano seguinte.

Por hora, é importante ressaltar este aspecto de inserção em uma lógica mais global de protestos ligada ao efeito da Crise de 2008. Na próxima sessão, vamos analisar as perspectivas teóricas que vão permitir analisar as Jornadas de Junho de 2013, a partir de uma perspectiva que leve em conta a dinâmica do capitalismo e uma definição sobre o espectro político.

2.2 As Jornadas de Junho sob uma perspectiva teórica crítica

Como vamos trabalhar com um fato recente da história brasileira é fundamental as considerações e preocupações de Eric Hobsbawm em sua obra “*Sobre história*”, em particular o artigo “*O presente como história*”. A primeira frase do artigo nos estimula a encarar este desafio de escrever a história da qual participamos, quando afirma: *Já se disse que toda a história, é história contemporânea disfarçada*¹⁴. Contudo, chegar a esta conclusão não resolve os problemas que teremos ao analisar as mobilizações de 2013. A proximidade temporal do objeto em estudo, nos traz - como cita no mesmo artigo, Hobsbawm - problemas e possibilidades.

No entanto, Luiz Dario Ribeiro, faz um alerta aos críticos da história do presente ou imediata, em artigo “*Tempos atuais e História Imediata*”, publicado no *Jornal Folha da História*:

Uma crítica possível ao estudo da história Imediata é a falta de distanciamento temporal, já que suas análises e reflexões são feitas em cima do processamento histórico dos acontecimentos. Devemos lembrar que possuímos, entretanto, todo um instrumental crítico que substitui, com vantagem, o mero distanciamento temporal. **O distanciamento temporal não significa uma proximidade da verdade que só é possível através da crítica** (grifo nosso)¹⁵.

Quando tratarmos da questão das mobilizações de 2013 como parte do fenômeno das “primaveras”, não procuramos apenas um reflexo de um movimento externo. Existe uma lógica complexa no processo de difusão das revoltas e revoluções, assim como das ideias que as animam. Para compreender este processo complexo do movimento histórico, nos referenciaremos na teoria do desenvolvimento desigual e combinado, de Leon Trotsky, desenvolvida em sua análise sobre o desenvolvimento da Revolução Russa, quebrando o elo mais frágil da corrente do mundo capitalista:

A lei racional da história não tem nada de comum com os esquemas pedantes. A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do processo histórico,

14

HOBSBAWM, Eric. *O Presente como história*. HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

15

RIBEIRO, Luís Dario Teixeira. *Tempos atuais e História Imediata*. *Folha da História*, Porto Alegre.

manifesta-se com maior vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob a força das necessidades exteriores, a vida retardatária é obrigada a avançar por saltos. Desta lei universal de desigualdade dos ritmos decorre uma outra lei que, a falta de denominação mais apropriada, pode-se chamar lei do desenvolvimento combinado, no sentido da reaproximação das diversas etapas, da combinação de fases distintas, da amalgama de formas arcaicas com as mais modernas¹⁶.

Apesar de ter sido enunciada como uma lei do desenvolvimento capitalista é importante ressaltar a posição do historiador George Novack, que aponta que esta tendência se reproduz de forma diferente, em diferentes espaços, quando estão postas diferentes lógicas:

A lei é válida quando a história produz as mesmas condições, mas geralmente há diferenças para cada país e constantes mudanças e intercâmbios entre eles. As mesmas causas básicas podem conduzir a resultados muito diferentes e até opostos¹⁷.

Vamos nos apoiar nesta teoria do desenvolvimento desigual e combinado para compreender o processo como o movimento de protestos e revoltas se espalharam porque não se pode tratar este processo como se ele fosse um contágio, uma difusão natural do espírito de revolta pelo mundo. A forma como os protestos surgiram já colocam um problema de análise, pois eles não surgem no centro do capitalismo, pelo contrário, aparecem em regiões onde a fragilidade econômica e também as instituições não respondiam à mesma lógica dos países de economia avançada, ou melhor, onde o caráter contraditório desta lógica mundial trouxe à tona suas descargas elétricas. A maneira como a revolta se espalhou, porém, fez com que as questões levantadas na periferia do capitalismo fossem apropriadas, também pelos rebeldes que estavam em Wall Street.

Mas, além dessa lógica desigual na sua expansão, é importante ressaltar que, apesar dos vários países compartilharem de uma situação de dificuldades econômicas e de erosão da democracia representativa (quando não a completa falta dela) as pautas e formas de luta também sofrem mudanças quando chegam a cada um dos países. Desta

16

TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa. A queda do tzarismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

17

NOVACK, George. *A lei do desenvolvimento desigual e combinado na sociedade*. São Paulo: Rabisco, 1988.

forma, esta desigualdade de ritmos e penetração também vai ser sentida no Brasil, ajudando a aflorar problemas (como os recursos do Estado) que pareciam estar resolvidos ou pacificados.

Outra questão importante a ser tratada é a caracterização dos movimentos sociais que emergiram por conta desta onda de protestos. Uma característica compartilhada pelas mobilizações da Primavera Árabe, pelos Indignados europeus, pelo Occupy norte-americano, assim como nas Jornadas de Junho foram a participação massiva de jovens estudantes e trabalhadores, a partir de organizações horizontais e com forte capacidade de aglutinação via redes sociais. No caso brasileiro algumas organizações, como o Movimento Passe Livre de São Paulo ou o Bloco de Lutas Pelo Transporte Público de Porto Alegre jogaram um papel importante nesta aglutinação.

A interpretação sobre as Jornadas de Junho, assim como ocorreu com os outros movimentos citados logo acima, foi bastante discrepante e ainda não existe um consenso sobre elas. Alguns analistas apontaram para o caráter de manipulação exterior ou então criticaram o movimento como expressão de uma indignação vazia de jovens de classe média, quando não rotularam aqueles manifestantes apenas como baderneiros¹⁸. Por outro lado, também existiram outras interpretações possíveis que viam nas novas formas de manifestação uma expressão legítima da “sociedade da informação”, de uma lógica pós-moderna onde a forma e o discurso se sobrepõem ao cerne do conteúdo.

Manuel Castells, por exemplo, acentua o caráter da criação de espaços, de redes de comunicação onde os indivíduos se organizam e se identificam. Para o sociólogo espanhol, as principais características destas mobilizações seriam a de criar uma comunidade baseada na proximidade, gerar ou ocupar espaços carregados de poder simbólico e construir uma comunidade livre neste espaço simbólico:

A questão fundamental é que esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma. A autonomia de comunicação é a essência dos movimentos sociais,

18

De modo geral, esta era percepção dos grandes jornais, televisões e outros meios de comunicação conservadores naquele momento.

ao permitir que o movimento se forme e possibilitar que ele se relacione com a sociedade em geral, para além do controle dos detentores do poder¹⁹.

Um dos grandes problemas deste tipo de interpretação, defendida por Castells, é que ela dá atenção demais a forma como o movimento se expressou e se organizou, mas diz muito pouca coisa em relação ao seu conteúdo e sua orientação. Outro autor, como Immanuel Wallerstein, aponta para os efeitos do movimento caracterizando-o como de esquerda, pois suas pautas giravam basicamente em torno da crítica aos efeitos da globalização. Neste sentido, o historiador americano afirma que “Pela primeira vez em muito tempo as pessoas comuns passaram a discutir a natureza do sistema no qual vivem. Já não o veem como inevitável”²⁰.

A partir desta perspectiva, podemos explicar melhor as Jornadas de Junho, não tratando este fato como se fosse algo que escapasse da compreensão de seus contemporâneos. No próximo capítulo, faremos uma análise mais detalhada dos fatos ocorridos naquele mês na cidade de Porto Alegre, assim como os fatores que levaram àquele processo e sua relação com as manifestações que ocorriam no restante do país naquele momento.

19 CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p.13.

20

WALLERSTEIN, Immanuel. A esquerda mundial pós 2011. In: HARVEY, David et alii. Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2011. p.74.

3 AS JORNADAS DE JUNHO EM PORTO ALEGRE

As Jornadas de Junho em Porto Alegre tiveram um desenvolvimento singular em relação ao restante do país. Isto porque os protestos na capital do Rio Grande do Sul se iniciaram já nos primeiros meses de 2013, replicando uma prática que vinha dos anos anteriores, em que os protestos contra o aumento do preço das passagens coincidiam com o período em que a Prefeitura Municipal iniciava os trabalhos para o aumento da tarifa para o transporte público.

O elemento mais importante neste contexto, que catalisou a revolta contra o programa do aumento das passagens foi a proximidade da Copa do Mundo, com o fato de que os megaeventos não estavam impactando de forma positiva, como alguns esperavam, no cotidiano da cidade. O Bloco de Lutas Pelo Transporte Público, coletivo que reuniu muitos grupos de esquerda, especialmente ligados à juventude, para discutir e se mobilizar pelo direito à cidade, foi um elemento fundamental para o crescimento dos protestos.

Em abril de 2013, as manifestações que contavam com alguns milhares no centro de Porto Alegre, cresceram subitamente até alcançar 30 mil pessoas. A revogação do aumento, por iniciativa de uma Ação Judicial do PSOL, que congelou o reajuste das tarifas, foi muito importante para o desenvolvimento posterior das lutas não apenas em Porto Alegre, mas em todo o país, visto que estava comprovado que a luta e a mobilização poderiam incidir na questão urbana de forma decisiva. A partir daí, em muitas partes do Brasil, os militantes ligados ao direito ao transporte e à mobilidade urbana passaram a gritar que queriam que suas cidades “virassem Porto Alegre”.

É importante, no entanto, ter clareza que esta mobilização na cidade de Porto Alegre não foi fruto de um acaso, já existia um espírito de descontentamento em relação ao impacto da Copa em obras públicas que demoravam a ser concluídas, atrapalhavam o trânsito, impossibilitavam trabalhadores e estudantes de circular pela cidade, além da existência de remoções e deslocamentos de população. Para dar um exemplo, em 2012 já havia ocorrido um protesto com intensa repressão contra a instalação de um boneco gigante da mascote da Copa do Mundo (o tatu, Fuleco) no Largo Glênio Peres, protesto

promovido por um grupo chamado Defesa Pública da Alegria. Naquela altura, já estava demonstrado que as coisas não iam tão bem na cidade que abrigaria a Copa do Mundo.

3.1 O contexto social e político que levou às Jornadas de Junho

Podemos afirmar que a combinação de três elementos foi fundamental para a eclosão das Primaveras em várias partes do mundo e nas Jornadas de Junho no Brasil. Ainda que, em nosso país se apresentam características particulares, entre elas, o que justifica o “atraso” temporal em relação às demais Primaveras, que ocorreram em sua grande maioria em 2011.

Primeiro e principal elemento detonador das diversas Primaveras e o qual já referimos no capítulo anterior, foi à crise econômica de 2008. Porém, ela vem combinada com pelo menos mais dois fenômenos. Um deles são as crises advindas do caos urbano, o que Maria da Conceição Tavares chamou de “inferno urbano”.

Em resumo: definidas e orientadas pelos imperativos dos interesses privados, as montadoras de veículos, empreiteiras da construção civil e empresas de transporte coletivo dominam a cidade sem assumir nenhuma responsabilidade pública, impondo o que chamo de *inferno urbano*²¹.

Outra reflexão importante sobre as consequências da política econômica sem transformações estruturais é apresentada pelo dirigente do MTST – Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, Guilherme Boulos:

Os investimentos públicos e privados terminaram por aprofundar um modelo de cidade segregador. Ricos e classe média no centro e pobres jogados em periferias mais e mais afastadas. Muros reais e simbólicos, marcando a intolerância das elites em conviver no mesmo espaço que os desvalidos. Intolerância que degenera em fascismo e política oficial de controle militar das periferias.

As cidades tornaram-se barris de pólvora, prestes a explodir. O consenso por aqui sempre teve mais fissuras, com a insistência da luta de classes em emergir. Não foi por acaso que as mobilizações de junho de 2013 estouraram a partir da

21

TAVARES, Maria da Conceição. Manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. Revista Teoria e Debate. São Paulo, no. 113, junho de 2013.

fagulha da mobilidade urbana, um dos mais explosivos elementos desse barril²².

A explosão do automóvel individual em detrimento do transporte coletivo faz com que a mobilidade urbana se torne quase impossível. O aumento incontável da densidade demográfica, através do boom imobiliário, sobrecarregando as redes de água, eletricidade e esgoto; aumento da exclusão social e desigualdade, aumentando a população da periferia da periferia, locais sem atendimento nenhum de serviços públicos como saúde e educação, aumentando a demanda de mobilidade.

Por último, e não menos importante, um terceiro elemento são as novas formas de comunicação e organização através das redes sociais. Não compartilho da principalidade que Manuel Castells dá a esta ferramenta. No entanto, alguns elementos foram parte importante na massificação destes movimentos, como analisa o próprio Castells:

Os movimentos são virais, seguindo a lógica das redes da internet. Isso se dá não apenas pelo caráter viral da difusão das mensagens em si, particularmente das imagens de mobilização, mas em função do efeito demonstração de movimentos que brotam por toda a parte. Temos observado a capacidade viral de um país para outro, de uma cidade para outra, de uma instituição para outra. Ver e ouvir protestos em algum de outro lugar, mesmo que em contextos distantes e culturas diferentes, inspira a mobilização. Porque desencadeia a esperança da possibilidade de mudança²³.

No Brasil, ainda que estes elementos constituíram pano de fundo deste evento, se fizeram presentes alguns fatores particulares. As medidas econômicas anticíclicas dos governos petistas que lograram atrasar o processo no Brasil, que somente irá eclodir em 2013. Como Frederico Bartz assinala

No contexto da crise mundial do capitalismo em 2008, o governo brasileiro conseguiu implantar medidas anticíclicas que mitigaram os efeitos do abalo na economia. Já havia se estabelecido uma consistente política de transferência de renda, o que sustentou a demanda doméstica no período de crise, aumentando a renda familiar e forçando para cima até os salários do mercado informal. No

22

BOULOS, Guilherme. De que lado você está: reflexões sobre a conjuntura política e urbana no Brasil. 1 ed. São Paulo : Boitempo, 2015.

23

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

último ano do governo Lula, em 2010, a economia brasileira havia crescido mais de 7%, em contraste com o restante dos países²⁴.

No entanto, em 2011 ocorreu a combinação da crise das commodities em nível internacional – onde a China reduz a demanda de matérias primas, atingindo os países, como o Brasil, que tem sua economia apoiada na exportação desses produtos – com o fim do ciclo de expansão do consumo calcado no crédito no país, devido fundamentalmente ao alto endividamento das famílias. Por outro lado, o governo rompe com a política anterior e passa a aplicar uma política econômica de austeridade. Guilherme Boulos explica essa evolução

Como declínio da economia, declinou o consenso. O que havia permitido ao Estado sustentar o modelo do ganha-ganha foi uma margem expressiva para o investimento público. Na medida em que não se realizou mudanças na estrutura econômica, o PT limitou-se a manejos no orçamento. Isso depende da arrecadação, que, por sua vez, está condicionada ao crescimento²⁵.

Segundo elemento importante no caso brasileiro, ao contrário do que divulga a grande mídia, a classe trabalhadora foi parte ativa na conjuntura aberta naquele ano. O número de greves explodiu, foi recorde da série histórica do Dieese, iniciada em 1984, chegando a marca de 2.050 greves, envolvendo mais de 2 milhões de trabalhadores. Em relação a 2012 houve um crescimento de 134%. Também cresceu o número de greves defensivas e do setor privado, mostrando que os empresários já estavam querendo passar a “conta” da crise para os trabalhadores.

E, mesmo entre os jovens, a luta não era só por R\$0,20 centavos, como eles bradavam. As manifestações ocorriam de noite, pois eram jovens que tinham carga horária extenuante entre estudo e trabalho.

3.2 A Mobilização em Porto Alegre

24 BARTZ, Frederico Duarte. Problemas do sindicalismo na crise da Nova República: o caso da greve dos professores e dos garis do Rio de Janeiro, dos rodoviários de Porto Alegre e da greve nacional dos caminhoneiros (2013-2015). Encontro Estadual de História ANPUH/RS (13.: 2016 jul. 18-21: Santa Cruz do Sul) Anais eletrônicos. Porto Alegre: ANPUH, 2016.

25

BOULOS, Guilherme. De que lado você está: reflexões sobre a conjuntura política e urbana no Brasil. 1 ed. São Paulo : Boitempo, 2015.

As Jornadas de Junho iniciaram-se em janeiro de 2013 em Porto Alegre. Para melhor compreensão do processo que tem sua primeira expressão nessa cidade, vamos dividir o movimento em quatro fases. A primeira começa em janeiro com a primeira manifestação contra o aumento de tarifas combinada com a greve rodoviária e vai até o anúncio do aumento pelas empresas e a primeira mobilização massiva em 28 de março. A segunda inicia-se com a mobilização do dia 28, com cerca de mil manifestantes e forte repressão, e se fecha com a vitória do cancelamento do reajuste da tarifa, que combinou a mobilização de rua com a ação dos vereadores do PSOL contra o aumento. A terceira, ocorreu entre os meses de abril e maio. Nestas, as reivindicações tiveram como centro a luta contra o corte das árvores na orla da Capital gaúcha, previstas nas obras da Copa do Mundo. A última fase começa com as poderosas mobilizações nacionais de junho e julho e conclui com a ocupação liderada pelo Bloco de Lutas, da Câmara de Vereadores de Porto Alegre.

Essa primeira fase se caracteriza pela divulgação e massificação da situação do sistema de transporte coletivo na cidade em contraste ao lucro das empresas que prestam este serviço. Esse processo que se deu entre os meses de janeiro e março, contou com o papel fundamental do Bloco de Lutas pelo Transporte Público e de coletivos de esquerda (CUT, Intersindical, FAG e Conlutas) que deflagrou a greve rodoviária.

A primeira manifestação foi convocada pelo Bloco de Lutas, no dia 21 de janeiro e da qual participaram 200 manifestantes. Não houve repressão naquele momento. Em seguida, e marcando a importância dos trabalhadores dos transportes nesta luta, em 24 de janeiro, iniciou-se a greve do setor. Foi um movimento radicalizado, passando por cima do sindicato da categoria, liderados pelos trabalhadores da empresa pública de transportes, a Carris. Os rodoviários da capital reivindicavam aumento salarial de 14%, redução de jornada de trabalho, fim do banco de horas. Mas o que foi fundamental para obter apoio da população e da juventude que viria se mobilizar foi terem se posicionado categoricamente contra o repasse do aumento de salário para a tarifa dos transportes. Isso evidenciava um grau importante de clareza política e de ruptura com o corporativismo.

Com adesão massiva dos trabalhadores do ramo, a cidade de Porto Alegre viveu vários dias de caos, mas o movimento que questionava a contradição entre o lucro das empresas de transporte, o preço das tarifas e as condições dos transportes coletivos na

cidade logrou angariar grande apoio da população que via o movimento com enorme simpatia. No dia 10 de fevereiro, em assembleia, os trabalhadores retornaram ao trabalho, mas votaram contra a proposta de acordo da patronal. Uma semana depois, através da mediação do TRT, os trabalhadores aceitaram um reajuste de 7,5% nos salários, com a condição do não repasse para as tarifas e o fim gradual do banco de horas.

Em fevereiro ainda ocorreu uma manifestação no dia 18, mas com o mesmo número de participantes de janeiro, pois os estudantes ainda se encontravam em férias. Ao se iniciarem as aulas em março o Bloco de Lutas começa a construir uma manifestação para 28, dia tradicional de lutas estudantis, em homenagem ao estudante Edson Luis, assassinado pela ditadura militar, em março de 1968. A data foi antecedida pelo anúncio do aumento das tarifas. No dia 21 de março, o Conselho Municipal de Transporte Urbano (COMTU), informa que a passagem dos ônibus urbanos passaria de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. O anúncio potencializou o movimento que já contava com a simpatia da população. Este ato vai contar com a presença de mil estudantes e o início da repressão policial. Em 1º de abril, a repulsa à repressão policial levou mais de cinco mil às ruas da cidade. A polícia recua, acompanha a manifestação, mas não reprime. No dia 4 de abril vem a vitória. A combinação entre as mobilizações crescentes e a ação cautelosa encabeçada pelos vereadores Fernanda Melchionna e Pedro Ruas, ambos do PSOL, resultou em uma liminar acolhida pelo juiz Hilbert Maximiliano Obara, e suspendeu o aumento. Assim o portal de notícias Sul 21 descreve a manifestação:

O próximo ato ocorreu [no dia 4 de abril e se transformou em uma festa na chuva](#), pois os manifestantes comemoravam a derrubada do aumento para R\$ 3,05 na Justiça. Uma ação movida pela bancada do PSOL na cidade foi acatada pelo Judiciário e fez a passagem retornar a R\$ 2,85²⁶.

No terceiro momento, as manifestações, após a vitória do congelamento das tarifas, passam à luta contra as obras da Copa do Mundo. Aqui se concretizou nas mobilizações e acampamento contra o corte de árvores para a duplicação de vias, em função do evento internacional de 2014. As mobilizações de 20 e 27 de maio foram menos numerosas, em torno de 200 pessoas e culminou no dia 29 deste mês, com o

26

OLIVEIRA, Samir. *Portal de Notícias Sul*. 21, 25 dezembro de 2013. Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou.

desmonte do acampamento que impedia o corte das árvores e a prisão de seus ativistas. A rejeição da maioria da população a postura da Prefeitura de Porto Alegre, obrigou a que o corte das árvores ocorresse de madrugada, como forma de evitar a reação popular.

Por fim, começam as famosas Jornadas de Junho quando as principais capitais do país foram ocupadas por gigantescas mobilizações exigindo não apenas o fim do aumento da tarifa dos ônibus, mas fundamentalmente por mais e melhores serviços públicos e contra o sistema político vigente. Durante o mês foram se espalhando por todo o país, em centenas de cidades e juntando milhares de manifestantes. Em Porto Alegre, a primeira manifestação foi convocada para o dia 13. Em torno de dez mil pessoas participaram. A polícia reprimiu brutalmente quando a marcha se dirigia para a sede da RBS, na altura do Bairro Cidade Baixa.

Nas próximas manifestações, à medida que crescia em número de participantes, aumentava a repressão e o Bloco de Lutas ia perdendo a hegemonia do processo. Por outro lado, a presença do agrupamento denominados de Black blocks dividia o movimento sobre o tema de como enfrentar a violência policial. Um setor defendia uma posição mais defensiva e criticava a postura radical do agrupamento. E de outro lado, um setor discordava dos métodos dos black blocks, mas era contra condená-los. Ao mesmo tempo, se radicalizavam posições contrárias às bandeiras de partidos, mesmo os de esquerda que eram através do Bloco de Lutas também convocantes do protesto. Assim, assinala o portal de notícias Sul 21:

Os grandes protestos em junho também deixaram claro que o Bloco de Luta já não possuía hegemonia sobre a multidão, tanto em termos de direcionamento físico do trajeto das marchas, quanto em termos de delimitação política das reivindicações. Aliás, ninguém possuía esses domínios. Foi neste período que a pulverização de causas e a ausência de uma organização minimamente tradicional se radicalizaram ao extremo²⁷.

Em uma tentativa de retomar e politizar o processo, o Bloco de Lutas chama uma manifestação para a Vila Cruzeiro, no dia 4 de julho, em solidariedade às famílias que estavam sendo despejadas para dar lugar às obras da Copa. Mas também orientando as

27

OLIVEIRA, Samir. *Portal de Notícias Sul*. 21, 25 dezembro de 2013. Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou.

mobilizações e protestos em direção as obras dos grandes eventos: Copa do Mundo e Olimpíadas. O protesto foi muito menor, juntando cerca de dois mil participantes.

No dia 10 de julho organizado pelo Bloco de Lutas, o movimento ocupa a Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Essa experiência demonstrou alguns pontos importantes no processo de luta. Primeiro, que era possível conviver em posições políticas diferentes. Segundo, o método para isso é a democracia, pois as deliberações passavam por longas assembleias e as tarefas cotidianas executadas por comissões compostas de forma voluntária. Mas também a relação com os órgãos da grande mídia tiveram tratamento diferenciado em relação à mídia alternativa. As lideranças do movimento eram proibidas de dar qualquer declaração a RBS, Zero Hora, Correio do Povo, O Sul, etc. Ao contrário, eram realizadas coletivas, mas com a mídia alternativa, como Mídia Ninja, Sul 21, Jornalismo B, Coletivo Catarse, etc.

O movimento contou ainda com apoio de organizações dos movimentos sociais e sindicatos, mas principalmente com a solidariedade ativa da população. Uma solidariedade que garantia desde a alimentação até uma forte equipe de advogados. Foi esta solidariedade e simpatia da população que impediu a desocupação por parte da Polícia Militar. Ao final, a desocupação do prédio ocorreu por deliberação do próprio movimento, após a elaboração de dois projetos de lei garantindo passe livre para estudantes, desempregados, indígenas e quilombolas, e outro que exigia a abertura das contas das empresas de transporte público. Os projetos foram apresentados pelo Bloco de Lutas e protocolados pelos partidos de esquerda e posteriormente foram engavetados pela mesa diretora da Câmara.

3.3 “Brasil: Acabou o amor, isso aqui vai virar Palmares”

A vitória de Porto Alegre estimulou o Movimento Passe Livre a chamar mobilizações no início de junho em São Paulo, nas quais participaram entre 2 mil e 4 mil pessoas, desencadeando o que viria a ser uma das maiores manifestações de massa em todo o país. As primeiras manifestações ocorreram no dia 6 deste mês, no Rio de Janeiro, Goiânia e Natal. Todas tiveram enfrentamentos com a polícia. Novos atos se seguiram mostrando duas tendências crescentes: o aumento do número de participantes e a

intensificação da violência policial. A resposta dos manifestantes também aumentou, com ônibus, lojas de grifes estrangeiras e principalmente bancos sendo depredados.

No dia 13 de junho em nova onda de manifestações, a brutalidade foi sem limites. Foram 87 ônibus depredados, 200 manifestantes presos e pela primeira vez, jornalistas foram atacados pela polícia. A Anistia Internacional condenou a violência policial. O jornalista Elio Gaspari denuncia que foi a PM paulista quem começou a agressão. Por sua vez, o apresentador de TV José Luis Datena faz uma consulta aos televidentes que assistiam seu programa e o resultado foi de enorme apoio aos manifestantes. Ele, constrangido, passou a dizer que as pessoas não haviam entendido a pergunta. O vídeo viralizou na Internet. Ainda nesse contexto, durante a Copa das Confederações as manifestações foram proibidas em 853 municípios. O jornal O Dia informou que em 6 capitais as tarifas de ônibus haviam baixado, sendo uma delas Porto Alegre.

No dia 17, o clima começou tenso. Os principais jornais de São Paulo assumiam necessidade de forte intervenção contra as mobilizações. A Folha de São Paulo exigia em seu editorial, “Basta!” e o Estado de São Paulo orientava para “Retomar a Paulista”. A nova manifestação inicia no Largo da Batata, aos gritos de “sem violência”, mas o que se viu ao tentar subir a Rua da Consolação, na altura da Rua Maria Antônia, foi a polícia esperando para protagonizar, a seguir, cenas de violência brutais. Essas cenas do centro de São Paulo foram divulgadas instantaneamente através das redes sociais. O impacto das imagens produziu uma mudança em todo o país, a imprensa muda de lado, não consegue mais esconder o óbvio, as manifestações são justas e a violência policial é despropositada. Passam a distinguir como minoritários os segmentos violentos, em particular responsabilizando os Black blocs. Por outro lado, a indignação da maioria da população com a crescente violência contra os manifestantes combinada a essa nova postura da imprensa intensifica a onda de participação nas manifestações de todo o país.

Em São Paulo, 150 mil pessoas vão às ruas e, no Rio de Janeiro, as manifestações reúnem 100 mil pessoas. No dia 20 de julho, em São Paulo, o aumento das tarifas foi revogado gerando massivas comemorações; calcula-se que naquele dia aproximadamente um milhão de pessoas foi às ruas em todo o país. A Rede Globo suspende a novela para transmitir as mobilizações que se multiplicam pelo Brasil inteiro. Trata-se de um verdadeiro paradoxo, a vida foi parar no horário nobre, as mobilizações viraram

espetáculo. Os partidos de esquerda e centrais sindicais foram expulsos da manifestação na Avenida Paulista. O MPL lançaria nota condenando esta atitude de setores da manifestação. Simultaneamente, começam a acontecer saques às lojas e são massivos.

No dia 21, a Presidenta Dilma Rousseff anuncia um Pacto pela melhoria dos serviços públicos, que compreendia 3 ações primordiais: um Plano Nacional de Mobilidade Urbana; a decisão de aplicar 100% dos royalties do petróleo para educação; e trazer milhares de médicos estrangeiros para ampliar o atendimento do SUS junto às comunidades mais desprotegidas diante das carências do serviço de saúde pública. Tentando mostrar protagonismo, no dia 24, a Presidenta Dilma Rousseff se reúne com 27 governadores e 26 prefeitos de capitais para tratar da construção de um Plebiscito para uma Constituinte Exclusiva para uma Reforma Política e um Projeto de Lei anticorrupção. Entretanto, logo a ideia de Plebiscito foi abandonada. O MPL, enquanto isso, através de uma carta pública exige a desmilitarização da Polícia Militar, denuncia a repressão aos movimentos sociais e a máfia dos transportes. No dia seguinte, a Câmara derruba a PEC 37, que limitava a ação do Ministério Público e, logo após, o Senado vota lei que torna corrupção, crime hediondo. Dilma se reúne ainda com as centrais sindicais, mas o encontro termina com críticas e sem avanços.

Após a vitória do congelamento das tarifas dos transportes o movimento se dilui novamente em diversas pautas. No Rio de Janeiro foram destaque a Batalha do Maracanã (contra a privatização do Estádio carioca), protesto contra o assassinato do pedreiro Amarildo, as ações de Solidariedade aos moradores da Maré, bem como as mobilizações contra o governador Sérgio Cabral e contra a Rede Globo. Ainda neste estado as mobilizações se misturam às greves dos Garis e dos Professores estaduais. Em São Paulo as manifestações passam a se concentrar contra o governo Alckmin, mas no geral, as ações de massas começam a refluir.

Contudo, o resultado das Jornadas é alentador: em mais de 100 municípios espalhados pelo país, as tarifas foram revogadas; houve a rejeição da PEC 37; e, finalmente, a confirmação da transformação da prática de corrupção em crime hediondo.

4 DESDOBRAMENTOS E DEFINIÇÕES SOBRE AS JORNADAS DE JUNHO EM PORTO ALEGRE

Sabemos que as características dos protestos conhecidos como Jornadas de Junho não eram uma novidade. O conjunto de “Primaveras”, que vinham ocorrendo desde 2011 já apontavam que um novo processo social estava em curso no mundo, uma nova maneira de responder as crises, quer seja econômica, política, social ou uma combinação dessas. Mas, a situação latino-americana e em particular do Brasil apontavam em um sentido distinto. No entanto, a eclosão das mobilizações em 2013 encontrou o conjunto de forças políticas, tanto de esquerda como de direita com um misto de surpresa e incompreensão. Os debates foram acalorados. Os mais otimistas diziam: são mobilizações que vão fortalecer o campo de esquerda, outros, principalmente ligados aos governos petistas, afirmavam: a direita está por trás destas mobilizações, ou ainda, vai fortalecer o fascismo no país. A situação se mostrou muito mais complexa e uma análise mais apurada verifica que a esquerda, tanto a que se organiza na Frente Popular quanto na sua oposição de esquerda, na maioria do país, estiveram aquém das necessidades daquele momento.

Os setores conservadores de direita ainda que inicialmente tenham condenado e combatido ferozmente o processo, fazem um movimento de autocritica e passam a atuar sobre ele. Foram fazendo experiências e disputaram um setor de classe média importante para seu projeto golpista.

Portanto, fugindo das visões superficiais, propomos uma reflexão para analisar as mobilizações em Porto Alegre, no marco das mobilizações internacionais e a singularidade do caso brasileiro, com todas suas contradições, que fazem com que, até hoje, retornemos seguidamente aos acontecimentos daquele ano.

4.1 Um processo progressivo interrompido

Para analisar as Jornadas de Junho como um movimento social e sua orientação política vamos trabalhar inicialmente com três categorias: composição de sua

direção, programa ou pautas defendidas pelo movimento e definição de classe dos manifestantes.

As primeiras manifestações como já vimos no capítulo anterior, iniciaram-se em Porto Alegre, como afirmavam as inscrições em uma faixa nas primeiras marchas paulistas, refletindo a vitoriosa mobilização gaúcha: “Façamos como Porto Alegre”. Por sua vez tinham direção clara, foram convocadas pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público. Um movimento do qual fazem parte organizações com orientação política de esquerda como PSOL, PSTU, PT, anarquistas, autonomistas, etc.

Assim se define o movimento em sua página no Facebook, <https://pt-br.facebook.com/BlocodeLutapeloTransportePublico> (acesso em 4/9/2017):

Somos trabalhadores, desempregados, estudantes, artistas e pessoas em situação de rua em luta pela revogação do aumento das passagens. Lutamos por um transporte público, gratuito e de qualidade com gestão popular.

Os materiais produzidos pelo Bloco de Luta também são coerentes com esta definição e vão além. O Bloco de Lutas, assim como o MPL, ainda que sejam apartidários, não são antipartidários. Demonstraram independência do movimento em relação aos governos federais e estadual (ambos sob a condução do PT). Tem funcionamento horizontal, com decisões tomadas através de plenárias abertas, que podem consumir horas de debates para garantir a unidade na ação em meio à diferença de agrupamentos e orientações políticas.

A profusão de cartazes confeccionados à mão, presentes nas manifestações formam outra característica da estética deste novo ativismo. Mas ao contrário do que erroneamente propalava a grande mídia, as pautas não estavam pulverizadas em inúmeras reivindicações, como a quantidade de cartazes nas marchas, considerando o levantamento feito pelo jornal Folha de São Paulo, onde listou as 200 palavras de ordem mais cantadas nas Jornadas no país. Ademais da ironia mordaz, que lembram os grafites nos muros de Paris no maio de 68, podemos classificar a grande maioria das pautas dos cartazes como de exigência de mais e melhores serviços públicos. São reivindicações criticando o preço das tarifas e sobre o lucro das empresas, exigindo transportes públicos de qualidade, passe livre, transparência e controle nas contas das empresas de transporte. Mais verbas

para educação e saúde pública. Denúncia das verbas utilizadas nos megaeventos (Copa do Mundo e Olimpíadas) em detrimento dos investimentos em serviços públicos. Segurança e desmilitarização da polícia. Em um segundo grupo de consignas chamava a mobilização, convocando as pessoas a participarem das manifestações e protestar. E em menor proporção, a denúncia dos partidos políticos, a corrupção e o sistema de representação como um todo, além da crítica muito ácida aos meios de comunicação tradicionais. Portanto, em sua grande maioria questionava a política de Estado social mínimo.

É muito importante estabelecer o caráter do Bloco de Lutas como um grupo de esquerda que pautou, naquele momento, suas lutas pelo direito da população por uma cidade mais justa, contra o interesse dos empresários. No auge das manifestações, o Bloco publicou uma nota que diz muito sobre seu caráter e objetivos daquela mobilização. Mesmo sendo uma nota longa, vale a pena reproduzi-la na íntegra pela importância para o contexto histórico:

Somos um movimento que não nasce do nada e tampouco são novidades as lutas que fizemos nos anos anteriores pela redução da tarifa. O bloco de lutas é formado por setores dos movimentos populares, que representam diversas concepções ideológicas e que prezam pela unidade em torno da pauta do transporte 100% público, respeitando a diversidade e prezando pela autonomia e independência de classe. Este ano o Bloco surge com mais força e logramos pelas forças das ruas e da indignação popular uma importante conquista de fazer cair 20 centavos injustamente cobrados na passagem da população de Porto Alegre.

A luta não é por centavos e tampouco somente em Porto Alegre, pois ganhamos um caráter nacional de mobilizações que extrapola a demanda do transporte público. Hoje, já são mais de dez cidades que anunciaram a redução da tarifa. Agora somos centenas de milhares de pessoas e ganhamos as ruas do Brasil lutando por nossos direitos. O tema da Copa já é recorrente nas manifestações. A mesma massa popular que questiona o modelo de transporte questiona também os milionários investimentos públicos em estádios, as remoções das famílias, o poder da Fifa e o Estado de Exceção que vai cercar os direitos da população.

No entanto nos últimos meses sofremos uma grande investida por parte da polícia civil contra militantes do nosso movimento, jovens que estão sofrendo investigações e acusações por se manifestarem na nossa cidade. A polícia já aponta mais de 6 indiciados. E na última manifestação em que contamos com mais de 25 mil pessoas nas ruas, tivemos 60 pessoas presas e dezenas de feridos por balas de borracha, bomba de efeito moral e bombas de gás lacrimogêneo, sem falar na truculenta cavalaria que arrastou manifestantes pelas ruas de Porto Alegre. Mais do que a violência física que partiu da Brigada Militar também denunciemos a violência psicológica e a tortura que os participantes da marcha sofreram nos camburões e nas delegacias. Nós sabemos que o comando da polícia e de suas ações está sob responsabilidade política do Governador Tarso Genro. A história de criminalização infelizmente se repete como foi nos governos anteriores de Yeda e Rigotto.

Afirmamos que os vândalos são os empresários que lucram exorbitantemente sob o direito da população de ir e vir. Assim como a grande mídia que promove um discurso criminalizador dos que ousam lutar. Vândalos também são os governos que não garantem direitos básicos do povo, como saúde e educação. Bem como, se utilizam de uma falsa democracia para acomodar os interesses das elites e criminalizar os direitos de manifestação, livre associação e organização.

Lutamos por:

- Transporte 100% público, abertura das contas das empresas de transporte, passe livre para estudantes, idosos, desempregados.
- Pela retirada imediata dos inquéritos movidos contra manifestantes.
- Contra o Estado de Exceção da Copa do Mundo de 2014, comandada pela FIFA.

Saudamos com entusiasmo a luta nacional de todos os de baixo que se levantam contra as péssimas condições de vida. Pedimos a solidariedade de toda a população de Porto Alegre, movimentos sociais e populares e convocamos a se somarem nesta luta.

Dia 20 de junho, às 18h, nos concentraremos em frente à Prefeitura para mais um grande ato.

PELA SOLIDARIEDADE DE CLASSE E A FORÇA DAS RUAS

Bloco de Luta pelo Transporte 100% Público. Porto Alegre, 19 de junho de 2013²⁸.

As multidões que ocuparam as ruas de Porto Alegre tinham, em sua composição, jovens estudantes, estagiários e trabalhadores. Portanto, de conteúdo policlassista, composto de setores proletários e de classe média. Estavam lá os jovens do bairro Moinhos de Vento, da Cidade Baixa e Restinga. Estavam os estudantes da PUC, da UFRGS, e da Faculdade Monteiro Lobato. Alguns desses jovens com carga horária extenuante de trabalho e estudo, convivendo com a insegurança e violência das ruas, com serviços públicos de qualidade duvidosa e inseguros quanto ao futuro.

Portanto, as jornadas em Porto Alegre, foram dirigidas por um setor de orientação política de esquerda, que reivindicava serviços públicos de qualidade e tinha como composição social um setor majoritariamente policlassista. No entanto, ainda que no cômputo geral pareça muito progressivo, isso é apenas a fotografia de um determinado momento do embate vivido nas ruas de Porto Alegre. Para completar o quadro, até a mobilização do dia 17 de julho, as elites assustadas com o processo atacavam duramente

as manifestações, quer seja através da imprensa tradicional, quer seja através da repressão policial. Mas depois dessa data as elites conservadoras se realocizam.

4.2 Mobilização do dia 17 de junho: as elites entram em campo

O que acontece com a liderança do movimento depois do dia 17 de junho, quando o processo se massifica e as manifestações que, inicialmente, eram de 5 mil, 10 mil, passam a gigantescas marchas de 30 mil, 50 mil? Sabemos que depois dessa data, quando as mobilizações se massificaram o Bloco de Lutas começa a perder a liderança do processo, que passam a seguir as datas nacionais, se autoconvocam via redes sociais e são contra a presença de militantes com bandeiras partidárias ou sindicais. O Bloco de Luta retoma a iniciativa, com a ocupação da Câmara de Vereadores.

A Marcha do dia 17 de junho não marca apenas a massificação das mobilizações no país, mas o giro das elites. Estas, que até aquele momento condenavam o movimento e caracterizavam os manifestantes como vândalos, passam a apoiá-lo e fundamentalmente disputá-lo. Inicialmente contrários às mobilizações, os grandes meios privados de comunicação logo perceberam que poderiam se aproveitar da revolta e da paralisia do governo federal, comandado pela então presidenta, Dilma Rousseff, para direcionar as críticas aos governos da Frente Popular.

Um dos momentos simbólicos que marcou este movimento do setor conservador foram os dois depoimentos de Arnaldo Jabor, no Jornal Nacional. O primeiro em 12 de junho quando ele declara: “a população só viu um ódio tão grande à cidade quando a organização criminosa queimou dezenas de ônibus” e que “os revoltosos de classe média” que não sabem porque estão nas ruas protestando, “não valem 20 centavos”.

Em um segundo momento, a retratação: “os jovens despertaram porque ninguém aguenta mais ver a República paralisada por interesses partidários e privados”. Alertando contra o perigo da violência e das reivindicações abstratas, clama por “uma

política nova, se reinventando, mas com objetivos concretos, como por exemplo, contra o projeto de emenda constitucional 37, o PEC-37”²⁹.

Esse novo posicionamento dos setores conservadores só foi possível devido à paralisia e, depois, atraso do governo federal em responder ao movimento das Jornadas. Portanto, somente no dia 24 de junho a então presidenta Dilma iria se reunir com o MPL, reunindo-se em seguida com 27 governadores e 26 prefeitos de capitais para propor 5 conjuntos de medidas:

- transporte público: investimentos em corredores de ônibus, VLTs e metrô, e a criação de um Conselho Nacional do Transporte Público onde usuários e sociedade civil participassem. Foi considerada a desoneração de PIS e COFINS para o diesel de ônibus e para a energia elétrica de trens e metrô. Considerou que tanto a desoneração quanto o Conselho poderiam ocorrer a níveis estadual e municipal ou metropolitano além do federal. Defendeu que a matriz de transportes passe a ser sobre trilhos, e criticou governos anteriores que não tomaram essa medida;
- reforma política e combate à corrupção: foi proposta a convocação de um plebiscito para que uma assembleia constituinte exclusiva para isto seja criada. Também, pediu que os governos façam o mais rapidamente possível a implementação da Lei de Acesso à Informação e disse que transformar corrupção dolosa em crime hediondo seria uma iniciativa fundamental;
- saúde: aceleração dos investimentos já contratados para construção de UPAs e hospitais e ampliação do sistema que troca dívidas de hospitais filantrópicos por mais atendimentos. Dilma defendeu que os médicos recebam incentivos para irem trabalhar nas regiões mais pobres e remotas, e que caso isso não resolvesse, que médicos estrangeiros fossem levados para esses lugares, exclusivamente para o SUS. Falou que este aspecto enfrentaria oposição dos médicos, mas disse querer deixar claro que não é algo hostil e desrespeitoso à classe médica, mas uma ação limitada e emergencial, que o Brasil é um dos países que menos emprega médicos estrangeiros e que de qualquer forma a saúde dos brasileiros deve prevalecer sobre

29

Os vídeos podem ser assistidos na página <https://globoplay.globo.com/v/2631566/> e <https://globoplay.globo.com/v/2640269/> Acesso em 27/5/2017.

quaisquer interesses. Disse que iria ainda tomar uma série de outras medidas para melhorar as condições de trabalho nos hospitais públicos; educação: 100% dos royalties do petróleo para educação, e 50% do pré-sal;

- responsabilidade fiscal: manter as medidas de estabilidade econômica e controle da inflação para que o Brasil continue protegido da crise mundial. Algumas das medidas foram implementadas como a política dos Mais Médicos. Aprovou os royalties do petróleo e 50% do pré-Sal, que mais tarde não foram garantidas. O plebiscito sobre constituinte exclusiva em menos de uma semana foi abandonado. O que de fato foi implementado foi a política de ajuste econômico que garantia a responsabilidade fiscal, quer dizer, a continuidade da apropriação do fundo público pelos interesses do mercado, em detrimento da grande massa da população.

4.3. As Jornadas de Junho e seus desdobramentos

Ainda que não se possa negar o fato de que as Jornadas de Junho de 2013 sofreram uma tentativa de cooptação por parte da grande mídia e por consequência, dos setores mais conservadores da sociedade, pode-se afirmar que este foi um processo que não se concretizou imediatamente. Muito diferente do que aconteceu a partir de 2015, as mobilizações de Junho de 2013 não desembocaram em um grande movimento nacional pela derrubada de Dilma Rousseff. Desta forma, colar as Jornadas de Junho com a onda conservadora de forma pura e simples, pode ser considerado um erro.

Discordamos do que afirmam alguns analistas, como Marilena Chaui, que enxergam na conjuntura de crise de 2013 um ciclo de descontentamento da classe média, que teria sido menos atendida pelas políticas do Governo Lula e Dilma³⁰. De forma mais aberta, identificamos as manifestações de junho a partir de outro prisma. O que se verificou, na verdade, foi um processo de polarização cada vez mais forte da sociedade, que abriu as portas para o incremento das manifestações de esquerda no curto prazo e no médio prazo, deu oportunidade para a mobilização e o crescimento da direita.

Detendo-se no que ocorreu logo após junho em Porto Alegre, percebe-se que boa parte das pessoas que estavam organizando as manifestações permaneceram nas ruas,

³⁰ CHAUI, Marilena. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. In. JINKINGS, Ivana ET Alii. *Porque gritamos golpe? Para entende a crise peler o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.

mas não necessariamente em movimentos de massa. O final do ciclo de mobilizações daquele período foi a greve geral do dia 11 de agosto, que teve na cidade de Porto Alegre seu maior caso de sucesso. A reportagem de Clóvis de Oliveira, para o *Correio da Cidadania*, que dava conta da greve vitoriosa e da ocupação da Câmara Municipal, é bastante eloquente e remete aos momentos mais exitosos das Jornadas de Junho daquele ano:

Toda a área da Câmara Municipal fervia da agitação dos jovens e dos militantes sindicais. Bicicletas entravam e saíam da área, porque delas dependia em muito o transporte no dia da greve, algumas delas estacionadas dentro do plenário, ao pé da mesa da presidência. As paredes do plenário estavam literalmente forradas de cartazes e faixas com as bandeiras de luta e com críticas ao parlamento. As cadeiras das mesas e do plenário estavam de posse dos seus novos ocupantes. A discussão política era muito animada. Em todos os cantos funcionavam as comissões. A da cozinha (com os encarregados apreendendo a fazer a comida), segurança e muitas outras. Fora da Câmara Municipal, os ocupantes faziam a triagem dos que entravam e era vista a presença ameaçadora de 30 soldados da SWAT da Brigada Militar, armados com revólveres, fuzis e capacetes, que pareciam estar na iminência de invadir a área ocupada³¹.

Como aponta Frederico Bartz, ao analisar as greves do período de 2013 até 2015, as Jornadas de Junho foram um importante elemento de acúmulo de forças para o debate sobre o transporte público municipal na capital gaúcha, algo que envolveu também os trabalhadores das empresas³². A participação dos militantes do Bloco de Lutas Pelo Transporte Público foi um elemento importante da Greve dos Rodoviários que paralisou Porto Alegre em janeiro de 2014, assim como foi também da Greve dos Professores estaduais em setembro de 2013, através da Comissão de Educação do Bloco.

Ao analisar o caráter político de junho de 2013, devemos levar em conta os desdobramentos imediatos daqueles fatos, assim como os desdobramentos posteriores. Sem a percepção deste duplo movimento, de abertura para ações progressistas (que não

³¹ OLIVEIRA, Clóvis. A greve geral foi vitoriosa em Porto Alegre. Um avanço para a luta dos trabalhadores. *Correio da Cidadania*. 15 de junho de 2017. <http://www.correiocidadania.com.br/brasil-nas-ruas/8615-16-07-2013-a-greve-geral-foi-vitoriosa-em-porto-alegre-um-avanco-para-a-luta-dos-trabalhadores>

³² BARTZ, Frederico Duarte. Problemas do sindicalismo na crise da Nova República: o caso da greve dos professores e dos garis do Rio de Janeiro, dos rodoviários de Porto Alegre e da greve nacional dos caminhoneiros (2013-2015). Encontro Estadual de História ANPUH/RS (13.: 2016 jul. 18-21: Santa Cruz do Sul) Anais eletrônicos. Porto Alegre: ANPUH, 2016.

foram aproveitadas corretamente pela esquerda e pelos movimentos sociais no sentido de acúmulo de forças), assim como para o crescimento do conservadorismo posterior, perde-se o verdadeiro sentido daquele movimento, que foi abrir uma situação de polarização política em meio de uma conjuntura de crise econômica e social cada vez mais grave, da qual não saímos até hoje.

5 CONCLUSÃO: AFINAL O POVO ACORDOU À ESQUERDA OU MAIS CONSERVADOR?

O processo desencadeado pelas mobilizações que ficaram conhecidas como Jornadas de Junho foi um processo extremamente progressivo. Pois teve como agente uma juventude ávida de mudanças, que defende mais e melhores serviços públicos, não se sente representada pela esquerda tradicional e pelos partidos da Frente Popular no governo, naquela época há mais de 10 anos, portanto, desde quando esses jovens eram crianças. Mas se é verdade que não se sentiam representados pelo lulismo, conceito cunhado por André Singer, em *Sentidos do Lulismo – Reforma Gradual e Pacto Conservador*, também não havia uma ruptura clara com esse governo, ao contrário. Se tomarmos de novo as 200 frases da Folha de São Paulo como parâmetro, teremos apenas 5 entre as 200, que citam o nome de Dilma, e destas apenas uma se colocando como oposição, as demais são de exigências ao seu governo.

No entanto, ato contínuo, o governo Dilma e o PT optam pelo aprofundamento do ajuste para a classe média e os de baixo e garantir os lucros dos de cima. Não atuam para disputar este setor e manter através de propostas claras de atendimento a pauta dos manifestantes, tendo estes como aliados. Ao contrário, vão acelerar a ruptura de um setor importante de uma classe média esclarecida, composta por setores ligado às estatais, profissionais liberais, funcionalismo público que outrora cumpriu papel fundamental para a consolidação do Projeto do PT na década de 80 e de resistência nos duros anos de Fernando Henrique Cardoso. Essa classe média foi à direita e hoje se encontra em silêncio.

O discurso ambíguo não pode ser confundido com mera demagogia, mas com cálculo político. Mas há um prejuízo sério na manutenção de tal conduta por longo prazo para a população. Há que se despolitizar a ação oficial, elidir escolhas e tomar iniciativas que não firam o senso comum. Ao fazer isso, é essencial tirar interesses antagônicos de cena o que acaba por *mascarar a luta de classes*.

Isso é possível lançando-se mão da base teórica essencial do pensamento conservador, a separação entre política e economia³³.

Por outro lado, não acreditamos que o processo, que ainda não se encerrou, vá confluir para uma vertente fascista. A base de um projeto deste perfil pressupõe que exista um segmento da burguesia brasileira que defenda um projeto nacionalista, protecionista. O que vemos no país é uma santa aliança que independentemente das diferenças está aprofundando de forma radical e acelerada a integração ao projeto neoliberal e reservando um papel de sócio menor para a burguesia brasileira, aos oligopólios internacionais, em especial norte-americanos.

Tampouco a oposição de esquerda esteve à altura dos desafios abertos por esta conjuntura inaugurada com as Jornadas de Junho. Apesar do acerto quanto ao signo positivo do movimento, se mostraram limitados pela divisão desses setores e pelo tamanho das mobilizações, que tinham um caráter mais autônomo e com muita desconfiança dos setores de esquerda como um todo. Não tiveram como foco ampliar os espaços democráticos, como por exemplo, agarrar a proposta de Plebiscito por uma constituinte exclusiva, que canalizaria o movimento e o conjunto da sociedade para um debate sobre como deveria ser a política no Brasil, ou ainda como deveria ser a política tributária, acumulando forças, combinando, como em Porto Alegre, a luta nas ruas com o combate institucional o que poderia obrigar a mudanças estruturais, não deixando o movimento ser capturado pela direita através da consigna de corrupção.

Por último, esse processo progressivo aberto pelas mobilizações massivas inaugurando um novo momento na conjuntura brasileira foi interrompido, mas não derrotado. Como o movimento dos Indignados na Espanha, estes jovens não tem um passado, uma tradição de esquerda que nas gerações anteriores era passada ao longo dos anos. Mas vão fazer sua experiência concreta e reencontrar os caminhos da mobilização e das mudanças. Assim foi na Espanha, onde uma semana após o acampamento da Praça do Sol ser desmontado, ocorreram às eleições. Os indignados, contrários aos partidos e avessos a institucionalidade não foram às urnas, garantindo assim a vitória do ultradireitista, Mariano Rajoy, do Partido Popular. Este governo arrancou todos os direitos desta geração, levando a Espanha a uma recessão e desemprego altíssimo, principalmente entre os jovens. Conclusão: Lá a mesma juventude contrária a partidos funda um partido, o Podemos, hoje governando cidades importantes como Barcelona e Madri, motivo de referência e esperança para jovens em todo mundo. Resta pensar o que

faremos no Brasil para produzir um novo período de Ascenso, retomar o caminho das ruas, a confiança nas forças do próprio movimento social, apoiados nas experiências acumuladas pela nossa classe em suas mobilizações rumo a uma sociedade socialista.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTZ, Frederico Duarte. Problemas do sindicalismo na crise da Nova República: o caso da greve dos professores e dos garis do Rio de Janeiro, dos rodoviários de Porto Alegre e da greve nacional dos caminhoneiros (2013-2015). Encontro Estadual de História ANPUH/RS (13.: 2016 jul. 18-21: Santa Cruz do Sul) Anais eletrônicos. Porto Alegre: ANPUH, 2016.

BLOCO DE LUTAS PELO TRANSPORTE PÚBLICO. Nota do Bloco de Lutas Pelo Transporte 100% Público. *Blog Passapalavra*. 20 de junho de 2013. <http://passapalavra.info/2013/06/79680>

BOBBIO, Norberto. Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: UNESP, 2001.

BOULOS, Guilherme. De que lado você está: reflexões sobre a conjuntura política e urbana no Brasil. 1 ed. São Paulo : Boitempo, 2015.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAUÍ, Marilena. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. In. JINKINGS, Ivana ET Alii. *Porque gritamos golpe? Para entende a crise pover o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2016.

HARVEY, David. Et alii. Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2011.

HOBSBAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

MARICATO, Ermínia et alii. Cidades Rebeldes. Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013.

MARINGONI, Gilberto. *Cinco mil dias: O Brasil na era do Lulismo*. Boitempo, 2017. São Paulo.

OLIVEIRA, Samir. *Portal de Notícias Sul*. 21, 25 dezembro de 2013. Retrospectiva dos protestos em Porto Alegre: 2013, o ano que não terminou.

OLIVEIRA, Clóvis. *Correio da Cidadania*. A greve geral foi vitoriosa em Porto Alegre. Um avanço para a luta dos trabalhadores. 15 de junho de 2017. <http://www.correiocidadania.com.br/brasil-nas-ruas/8615-16-07-2013-a-greve-geral-foi-vitoriosa-em-porto-alegre-um-avanco-para-a-luta-dos-trabalhadores>

ROLNIK, Raquel. *As vozes das ruas: as revoltas das ruas e suas interpretações. Cidades Rebeldes. Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2013. p.82.

NOVAK, George. *A lei do desenvolvimento desigual e combinado na sociedade*. São Paulo: Rabisco, 1988.

RIBEIRO, Luís Dario Teixeira. *Tempos atuais e História Imediata. Folha da História*, Porto Alegre.

RUDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo gaúcho*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1993.

SECCO, Lincoln. *Anatomia do Movimento passe Livre*. Blog da Boitempo. 12 de junho de 2013. <https://blogdaboitempo.com.br/2013/06/12/anatomia-do-movimento-passe-livre/>

TAVARES, Maria da Conceição. *Manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo*. Revista Teoria e Debate. São Paulo, no. 113, junho de 2013.

TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa. A queda do tzarismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIZENTINI, Paulo Fagundes. *A Primavera Árabe: entre a nova democracia e a velha geopolítica*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2012.